

# Torcida agora é por derrota de ACM

2-14  
*Para assessores  
de FHC, melhor quadro  
inclui preservação  
de Jáder*

GERSON CAMAROTTI  
e SILVIA FARIA

**B**RASÍLIA – O Palácio do Planalto torce silenciosamente pela cassação do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), da mesma forma que considera indesejável que o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), seja afastado do cargo. Pragmaticamente, o governo considera que a absolvição de ACM fortaleceria o político baiano, hoje o principal adversário do presidente Fernando Henrique Cardoso. Crê ainda que, sem Jáder, o PMDB ficaria à mercê do governador de Minas, Itamar Franco, outro desafeto político do presidente.

Do ponto de vista sucessório, a eventual perda do mandato de ACM, que deverá sofrer processo por quebra de decoro parlamentar, reduziria a força de seu apoio a alguma candidatura de oposição ao governo. Já a permanência de Jáder à frente do PMDB criaria dificuldades para Itamar obter a legenda com que possa sair candidato à Presidência. O governador anunciou, na quinta-feira, que vai disputar a indicação com o senador Pedro Simon (PMDB-RS), primeiro pré-candidato lançado pelo partido.

“Para o governo, é melhor

o senador Antonio Carlos ser cassado ou renunciar, porque do contrário ele pode querer se vingar”, diz um interlocutor do presidente. Três outras fontes do governo ouvidas pelo Estado têm a mesma opinião. Uma delas, um ministro tucano, afirma: “Se escapar da punição máxima, ele saíra fortalecido.” Apesar da torcida, a ordem do presidente a seus colaboradores continua valendo: está proibida qualquer iniciativa para influenciar o processo de cassação de ACM e José Roberto Arruda (sem partido-DF), acusados de violarem o painel de votação do Senado.

ACM está com relações cortadas não só com o presidente Fernando Henrique, mas também com os principais auxiliares do governo, tendo perdido todos os seus

interlocutores no Planalto. Ficou distante até dos ministros de que era mais próximo, Pedro Parente (Casa Civil) e Aloysio Nunes Ferreira (Secretaria Geral da Presidência).

**Queda** – Outro aspecto levantado em conta pelo Planalto é de natureza partidária. O PFL é uma legenda dividida entre os que apoiam e os que se opõem ao governo. A queda política de ACM, mesmo que temporária, fortaleceria os pefelistas ligados ao Planal-

to, representados na legenda pelo vice-presidente Marco Maciel e pelo presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC).

Em conversa com amigos, Fernando Henrique tem feito comentários duros sobre o episódio da violação do sigilo. “Se o Congresso não punir de forma exemplar os dois senadores, estará lesando a expectativa geral”, diz. Para ele, o processo já ganhou “vida própria”, o que torna impossível qualquer tipo de “acordão” para livrar ACM e Arruda da cassação.

Há duas semanas, houve grande movimentação de dirigentes do PFL e do PMDB para tentar firmar um pacto entre Jader e ACM. A tentativa de “acordão” acabou morrendo depois de uma forte reação de

integrantes dos dois partidos, principalmente do PMDB. O próprio Jader chegou a revelar a peemedebistas ter sido procurado pelo deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA), um dos mais próximos aliados de ACM. “Mas Aleluia me telefonou apenas para saber a minha opinião sobre o depoimento do senador Antonio Carlos”, justificou Jader.

**“Cuidado”** – Nos últimos dias, Fernando Henrique tem emitido, para um público interno, opiniões duras sobre seus aliados políticos. Ao ser indagado por um parlamentar tucano sobre suas críticas ao Legislativo, o presidente rebateu: “Eu não agüento mais.” E completou: “Afinal, porque só eu é que preciso ter cuidado com o Congresso e não o contrário?”

**P**LANOS  
DE ITAMAR  
INSPIRAM  
TEMOR